ESTUDO SOBRE O PENTE DE ISTAMBUL, DE GILBERTO MENDES

BEATRIZ ALESSIO
Universidade Federal da Bahia
yagarel@hotmail.com

REVISTA MÚSICA | v. 13 | nº 1, p. 287-300, ago. 2012

PARTITURA

MENDES, Gilberto. *Estudo sobre o Pente de Istambul*. Editoração de Beatriz Alessio e Maurício Simão. São Paulo, 2012.

Gilberto Mendes (1922) compôs, entre os anos de 1989 e 2004, sete Estudos para piano solo. Entre os estudos, três são versões para piano de peças escritas para outros meios. As peças permaneceram disponíveis apenas em manuscritos até o ano de 2008, quando esta pesquisadora elaborou uma edição das mesmas como complemento de sua dissertação de mestrado, com auxílio técnico de Henrique Villas Bôas. O primeiro estudo-versão foi *Estudo sobre Ulysses em Copacabana* (1991), baseada em uma de suas obras mais conhecidas, *Ulysses em Copacabana surfando com James Joyce e Dorothy Lamour*, de 1988, escrita originalmente para flauta, clarinete, saxofone alto, dois violinos, viola, violão, contrabaixo e piano. A seguir, Mendes escreve *Estudo sobre a Lenda do Caboclo, a Outra* (1992), reelaboração de *A Lenda do Caboclo: A outra*, obra de 1987, escrita em homenagem a Villa Lobos e curiosamente a primeira obra coral minimalista composta no Brasil.

A última das adaptações foi *Estudo sobre o Pente de Istambul* (1995), a partir de uma obra para percussão datada de 1990 e dedicada ao Duo Diálogos. O curioso título da obra faz referência a um pente ordinário, de plástico, que Gilberto Mendes comprara quando de uma visita à Turquia e que possuiria o incrível condão de jamais se perder: "... como num sortilégio, não consigo perdê-lo, frequentemente minha mulher o encontra, achei o pente de Istambul, ela me diz, e comecei a achar poético esse nome, exótico, o que me inspirou essa peça..." (MENDES, 1994, p.217).

Em *Estudo sobre o Pente de Istambul*, Mendes lança mão de uma va-

riedade de recursos técnicos, como procedimentos seriais de elaboração de múltiplas séries, retrogradação, inversão, e também colagem, citação, além de procedimentos minimalistas, como repetição de células e marcante presença de ostinati.

A peça original possui 126 compassos e uma pausa para um breve teatro musical. Na adaptação para piano, foram suprimidos os compassos correspondentes às improvisações da marimba, os trechos destinados a instrumentos de percussão não-melódicos (reco-reco, caixa-clara, tom-tom, bongôs, cowbell e pratos), bem como o teatro musical, resultando em uma peça de 63 compassos.

Estudo sobre o Pente de Istambul, porém, não é a versão mutilada de uma peça. As muitas alterações, substituições, repetições que foram compostas e inseridas especialmente para a versão para piano, colocam em questão o termo "redução", utilizado pelo compositor como subtítulo em sua primeira versão do *Estudo*. Estaríamos realmente diante de uma adaptação, uma versão para piano, visto que a obra foi profundamente alterada visando a uma perfeita adequação ao meio pianístico, aproveitando melhor os recursos do instrumento e as possibilidades do intérprete, conservando riqueza de informação e a originalidade da linguagem.

Essas alterações influenciam, inclusive, a percepção da forma. Tarcha (1992) afirma, em análise do original para percussão, que "a peça desenvolve-se sem um esquema formal rígido". No entanto, a versão para piano, mais enxuta, evidencia uma espécie de forma A B A', sendo que a seção A' seria o retrógrado de A. A primeira parte da seção **A** abarca a breve introdução (compassos 1 a 4) mais toda a sequência de septinas até o compasso 9, que lentamente nos dá algumas pistas sobre a série original e nos indica quais serão os intervalos mais frequentes que nos guiarão por toda a peça. A segunda parte de **A** (compassos 10 a 17) caracteriza-se por um intrincado contraponto rítmico entre a mão esquerda e a direita, onde há uma intensa exploração dos procedimentos seriais. A parte central **B**, a mais extensa da peça, vai do compasso 18 até o compasso 39, e é composta de uma sucessão de episódios curtos de variadas texturas. A partir do compasso 40, temos a seção **A'**, que

foi composta como um retrógrado, rítmico inclusive, quase estrito. Essa reapresentação retrogradada da seção A é interrompida por repetições de trechos da primeira parte da seção A nos seguintes momentos: no compasso 41, quando ouvimos a repetição da parte da mão esquerda do compasso 15 em sua forma original (da esquerda para a direita). No compasso 42, reaparece a parte da mão direita do mesmo compasso 15, também em sua forma original. Logo adiante, no compasso 44, onde deveria estar o retrógrado do compasso 13, ouvimos a mão esquerda do compasso 14 em sua forma original. A peça segue em retrogradação normal até o compasso 47, onde Mendes reaplica o processo anteriormente utilizado, apresentando aí a parte da mão esquerda dos compassos 12 e 13 na forma original. Em seguida aparece a parte da mão direita dos mesmos compassos, não retrogradada. O compositor coloca a indicação *rallentando* sobre as quatro colcheias finais do compasso 51, provavelmente para sugerir a finalização. Neste ponto, na versão para percussão, haveria um teatro musical, indicado detalhadamente no final da partitura, no qual os dois percussionistas devem fingir pentear-se com um pente de papelão. O compositor efetua o seguinte processo de recorte e remontagem: a melodia "turca", que segundo a versão original deveria estar nos compassos imediatamente anteriores à seção **A'**, é transformada em uma coda e reposicionada no final da seção, substituindo o teatro musical. Assim, através do processo de recorte e montagem, a obra originalmente pensada para dois percussionistas foi recontextualizada para piano solo.

O manuscrito original é bastante claro e está em bastante bom estado de conservação. Não houve, para a presente edição, alteração do texto original. Porém, o processo de edição teve de levar em conta a adequação da escrita das partes para a leitura e execução ao piano. Adepto do uso da colagem e montagem como processo composicional, para reelaborar esta peça Mendes literalmente cortou e colou as partes originais para percussão em ordem diferente, obtendo resultados como o que podemos observar no Exemplo Musical 1. No manuscrito original da versão para piano lemos, no primeiro pentagrama, a parte original de xilofone e, abaixo, a parte de marimba.

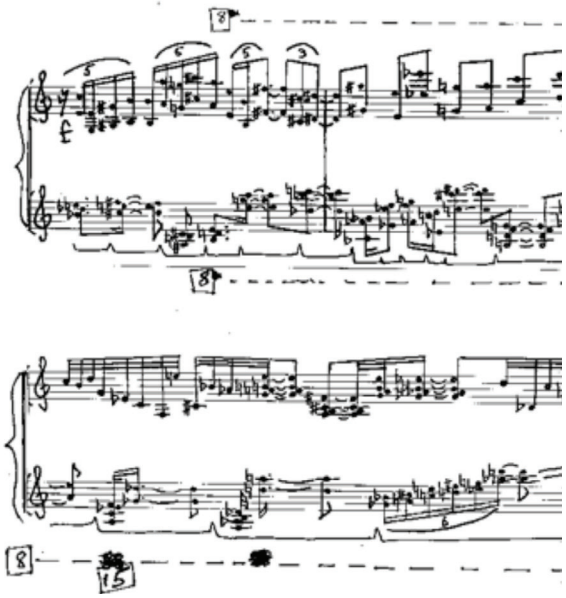
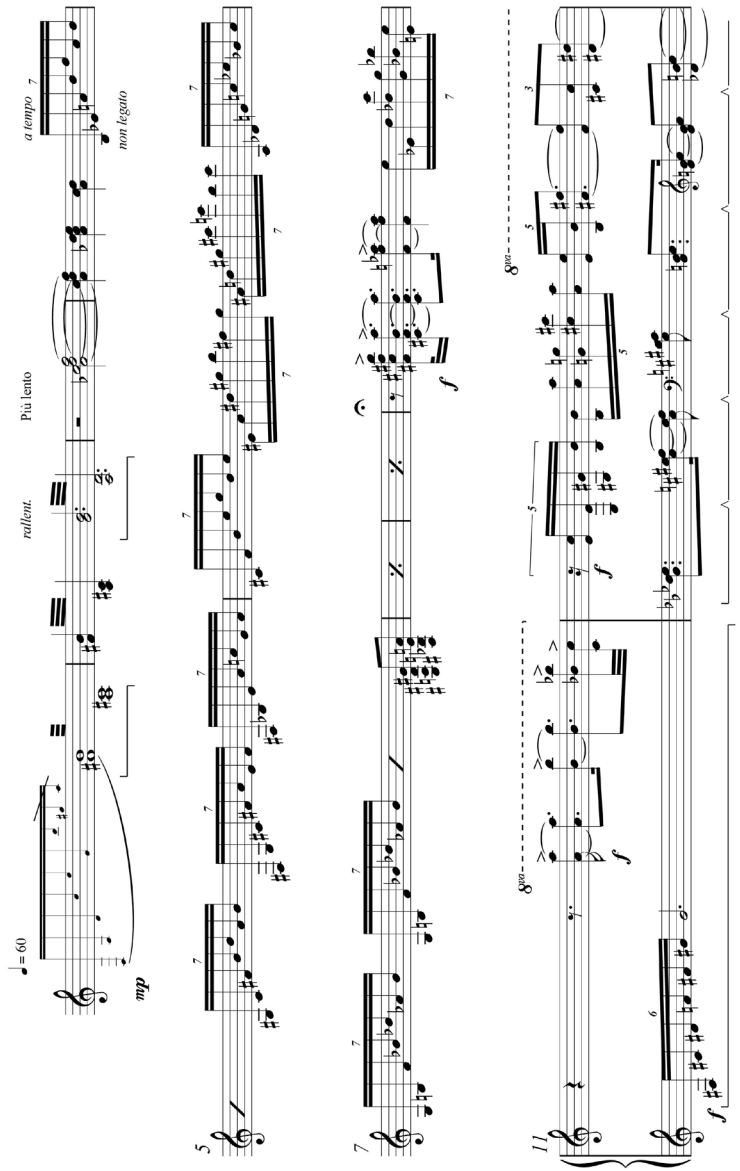


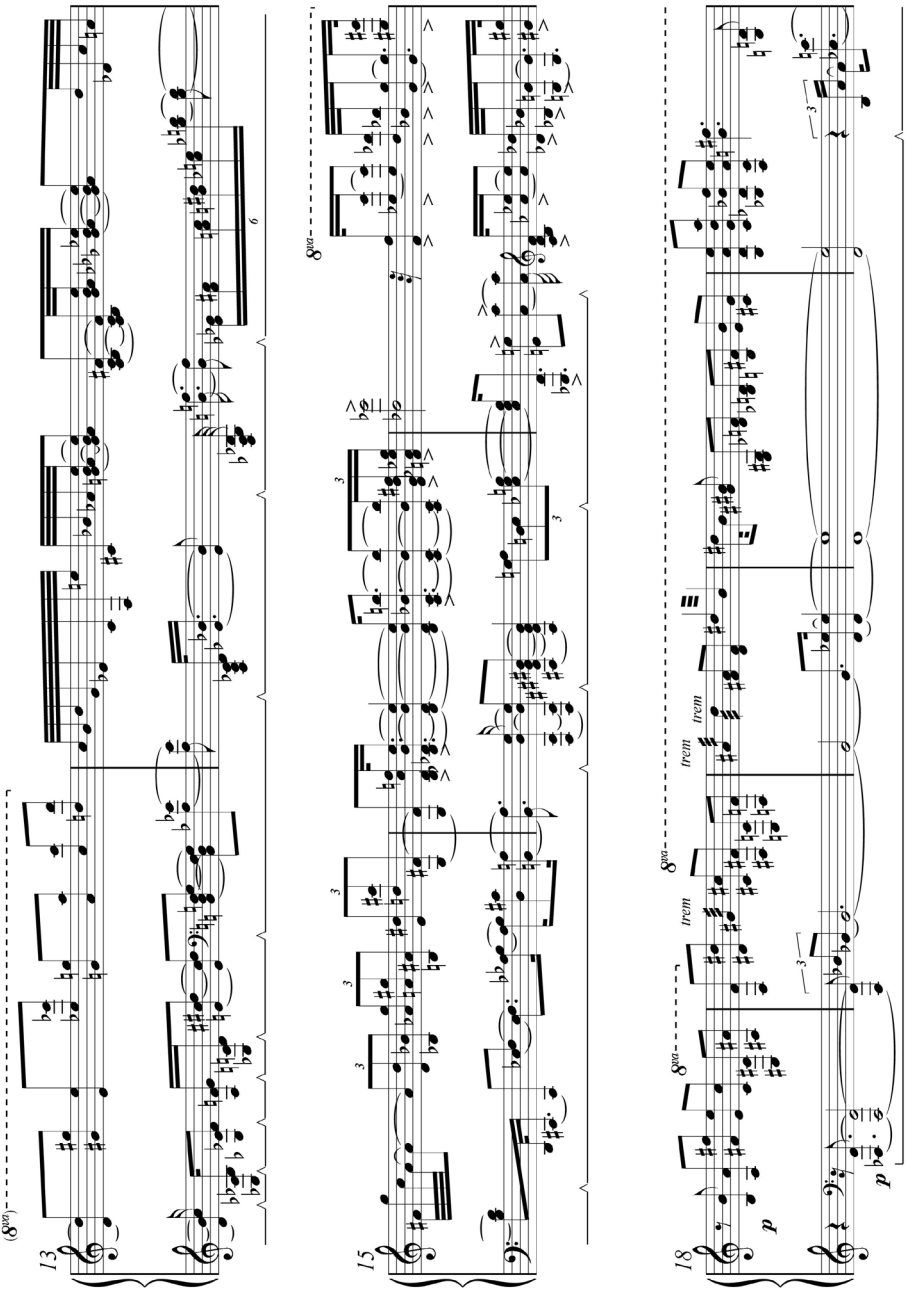
FIGURA 1: *Gilberto Mendes, E*studo sobre o Pente de Istambul. *Manuscrito original, compassos 13 e 14. Acervo do compositor.*

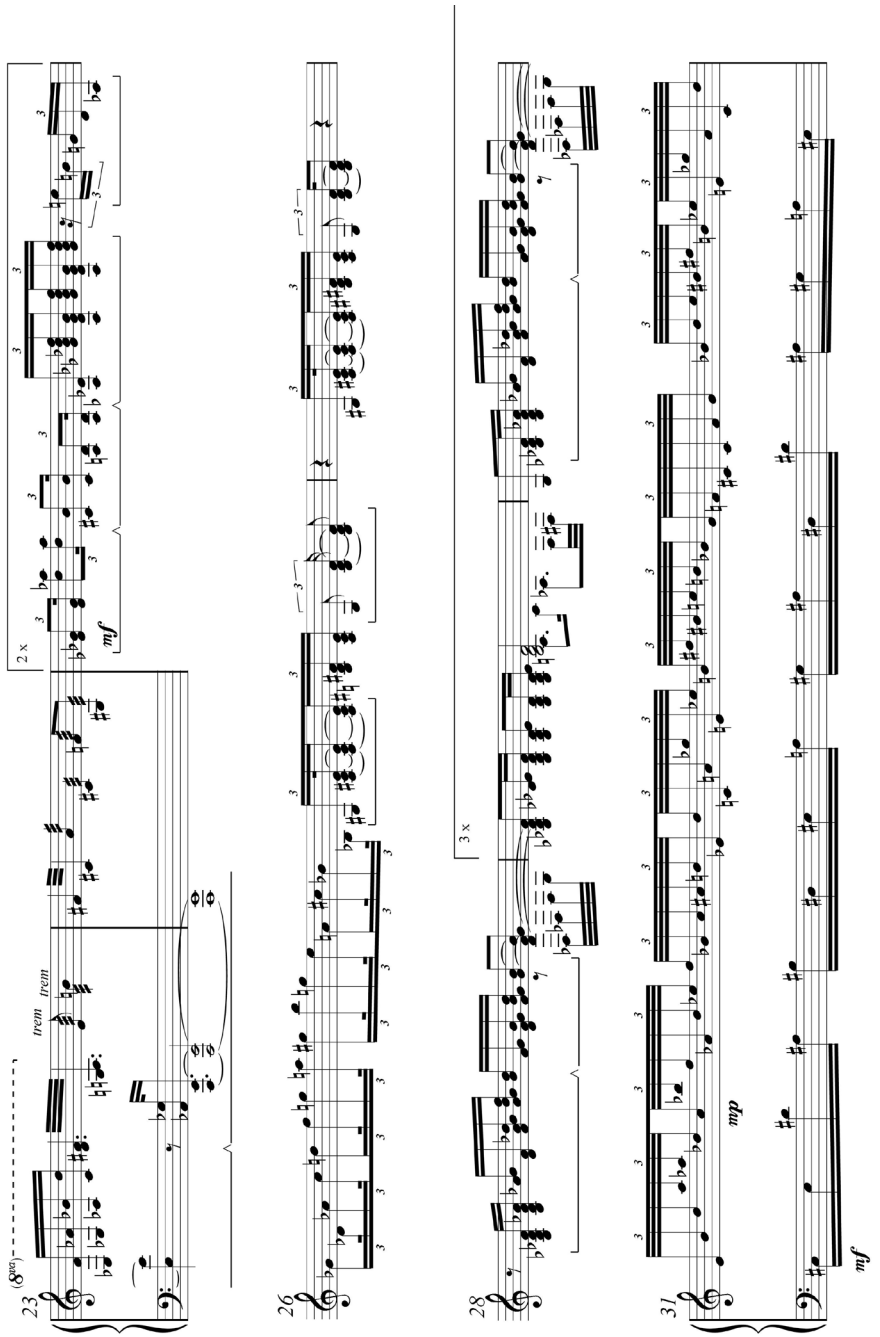
Neste caso, a tessitura original é de realização impossível ao piano, dada a repetição e sobreposição de notas. Já a leitura direta desta partitura em duas oitavas transpostas, recomendada pelo compositor, torna-se contraproducente devido à dificuldade da peça e à constante presença de grandes saltos e cruzamentos de mãos. Aqui, a exemplo de outros trechos com características semelhantes, optou-se por transpôr o pentagrama inferior para clave de fá e indicar a transposição de no máximo uma oitava acima ou abaixo. Foram mantidas a indicações de pedal presentes na parte de marimba, bem como as indicações de *tremolo*, cujo modo de execução depende do critério do intérprete.

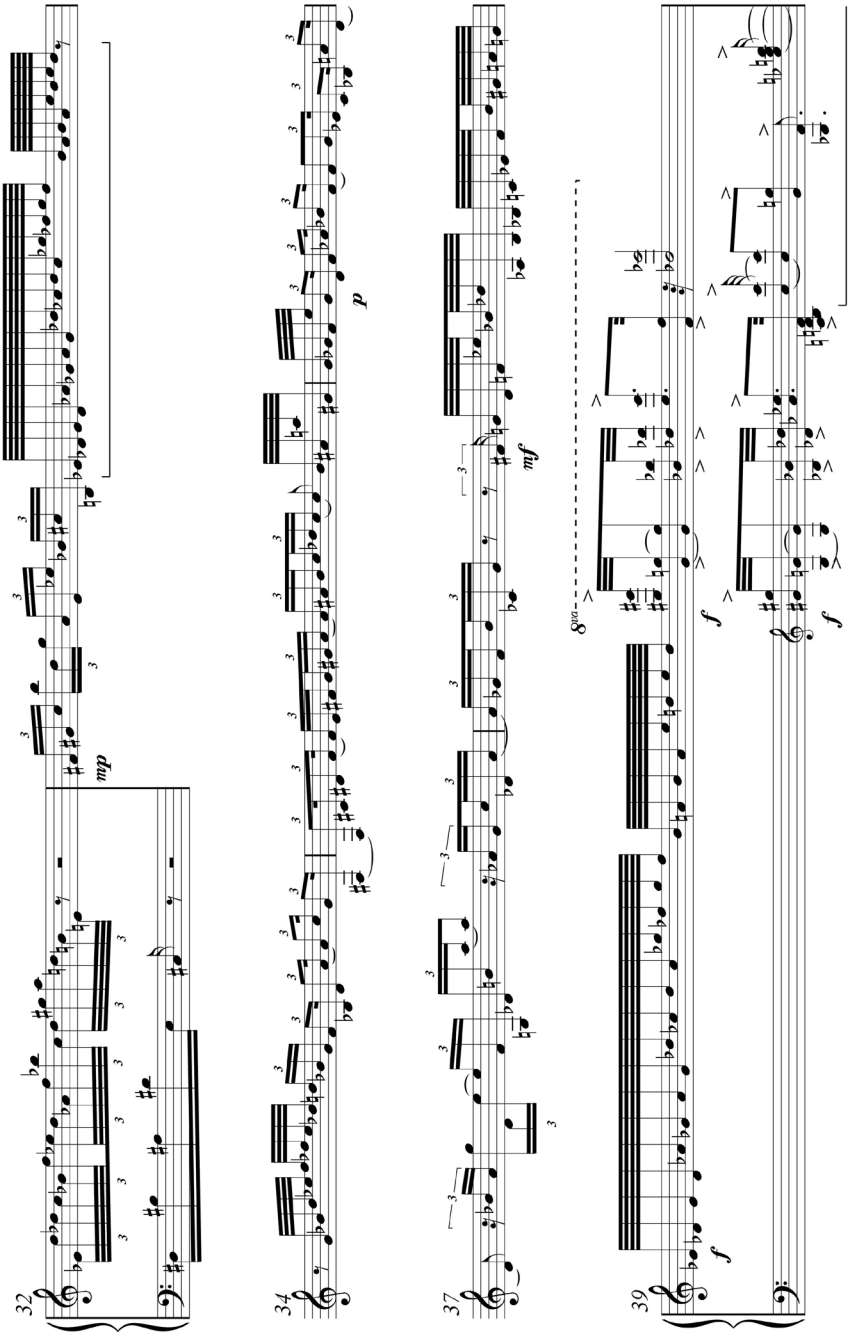
O pente de Istambul

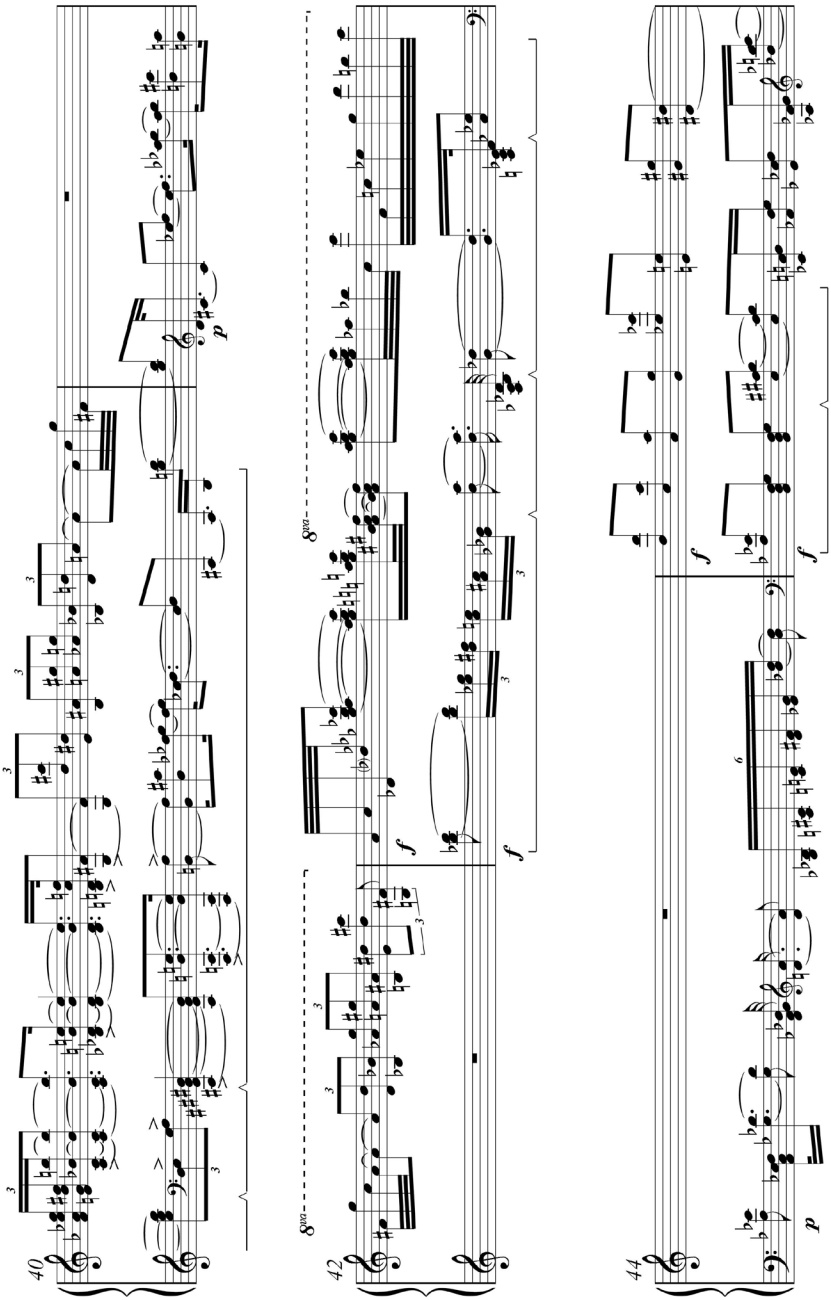
Gilberto Mendes

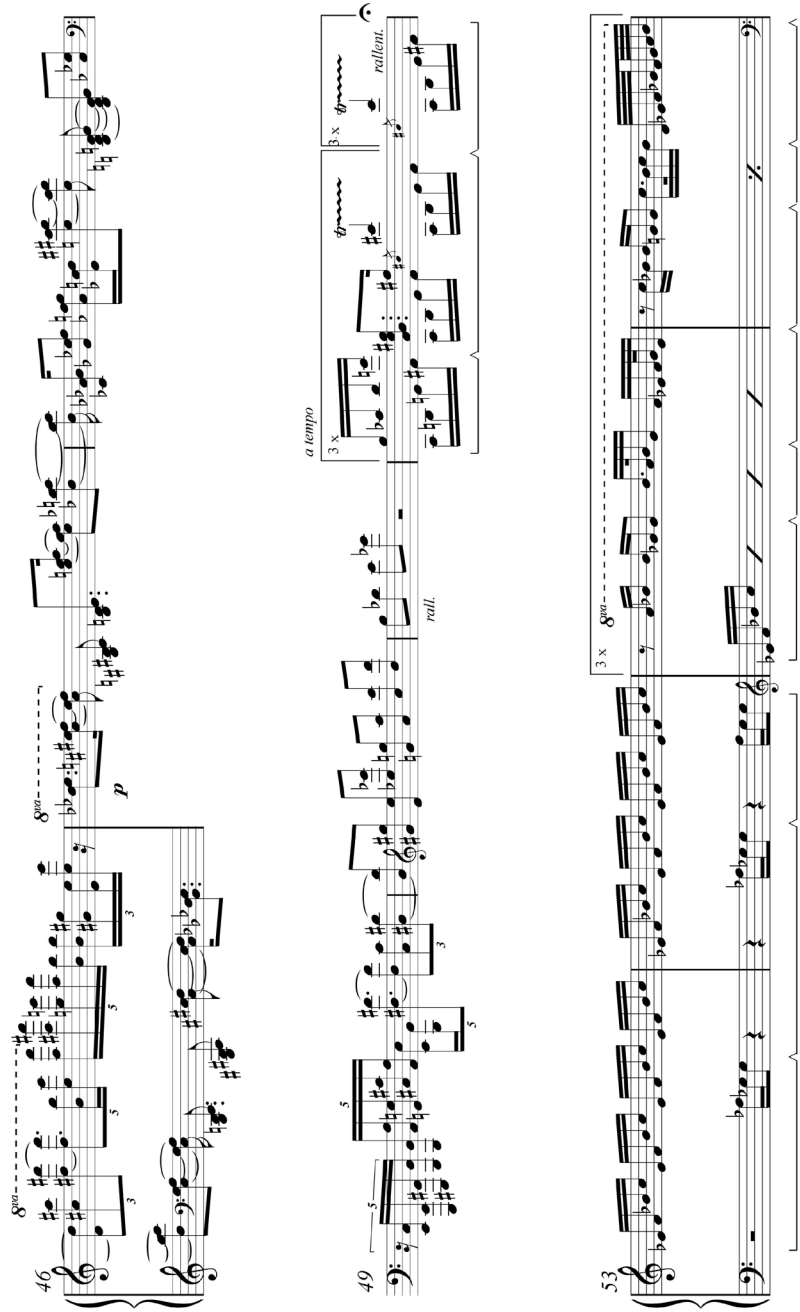


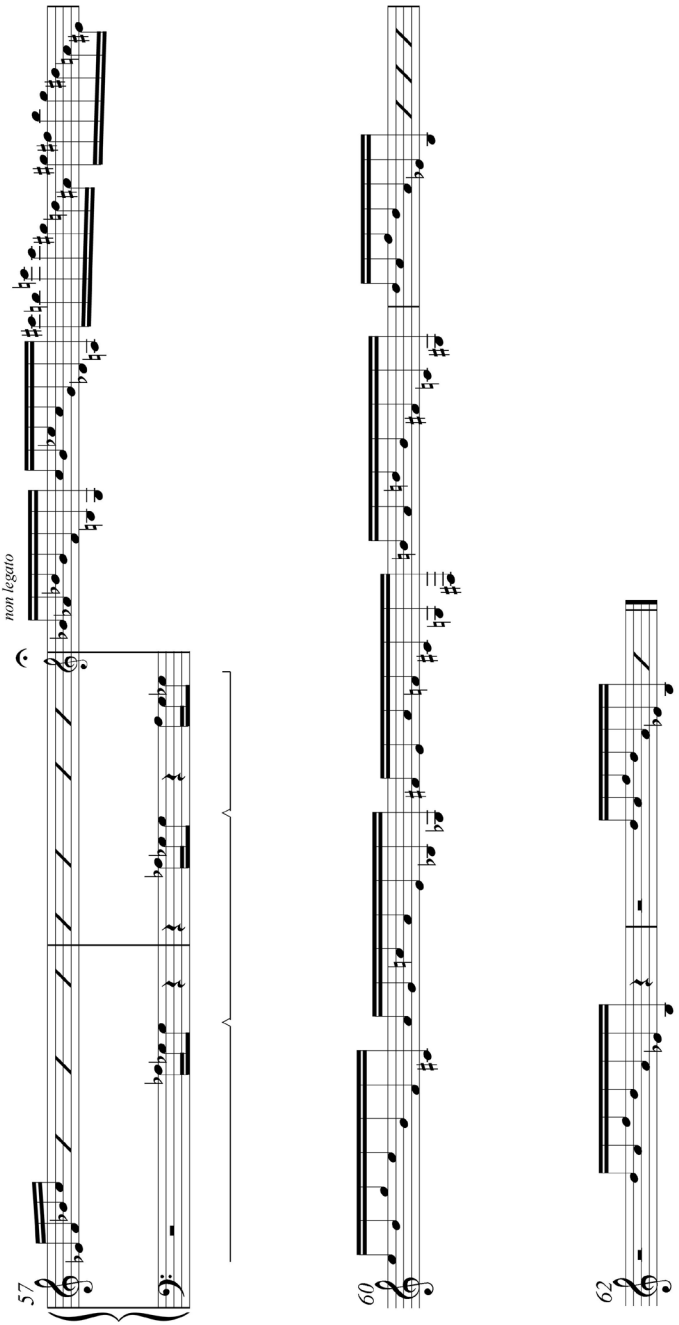

13
15
18
8va
trem
p


(8va)
23
2 x
mf
trem
trem
26
28
3 x
31
mp
mf


32
mp
34
p
37
mf
39
8va
f
f
f




46
49
53
p
a tempo
rall.
rallent.
3 x
8va


non legato
57
60
62

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Beatriz Alessio de. *Os Sete Estudos para Piano de Gilberto Mendes*. Dissertação de mestrado. São Paulo, ECA – USP, 2008.

MENDES, Gilberto. *Uma Odisseia Musical - Dos Mares do sul à elegância pop/Art Déco*. São Paulo: EDUSP, 1994.

TARCHA, Carlos. "A visão Caleidoscópica de 'O Pente de Istambul' de Gilberto Mendes". *Revista Música*, v. 3, n. 1, p. 82-102, maio de 1992.

Data de recebimento: 30/04/2012
Data de aprovação: 11/06/2012

PARTITURAS

MENDES, Gilberto. *Estudo sobre o Pente de Istambul*. Manuscrito original. Acervo do compositor. Santos, 1995.

_____. *Estudo sobre o Pente de Istambul*. Editoração de Beatriz Alessio e Maurício Simão. São Paulo, 2012.